

PANORAMA DAS IMPORTAÇÕES GREGAS EM PORTUGAL

Ana Margarida Arruda (1)

Universidade de Lisboa

Resumo

A partir dos finais dos anos 70, multiplicaram-se os achados de cerâmicas áticas no território português.

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos na última década em povoados da Idade do Ferro do Baixo Alentejo e Algarve vieram alterar substancialmente a imagem que possuíamos sobre as importações gregas em Portugal. Hoje, não é mais possível, como infelizmente continua a ser hábito nos meios científicos europeus, reduzir essas importações ao conjunto dos vasos exumados nos finais do século XIX na necrópole dos Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal).

Neste trabalho, inventariam-se as cerâmicas áticas actualmente conhecidas em Portugal e analisam-se as possíveis rotas do comércio dessas cerâmicas no interior do território português.

Particular ênfase será dado aos sítios litorais que forneceram cerâmicas gregas, evidenciando-se o papel dos vales fluviais, o do Guadiana e o do Sado, particularmente.

Enquadram-se as importações das cerâmicas áticas do território português no conjunto das exportações para a Península Ibérica durante os séculos V e IV a.C.. As semelhanças verificadas entre os materiais do Sul de Portugal e os da Andaluzia Ocidental são devidamente equacionadas.

Summary

The findings of attic ceramics in the portuguese territory have multiplied since the end of the 70's.

The archaeological works that took place in the last decade in Iron Age settlements of Baixo Alentejo and Algarve gave way to important changes in the knowledge of the greek imports in Portugal. It is no longer possible to limit these imports to the vases found in the end of the XIXth. century in the necropolis of Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal), an idea which unfortunately is still common among the european scientific community.

This essay includes an inventory of the attic ceramics known in Portugal and a study on their probable commercial routes within the portuguese territory.

Particular focus will be given on the costal sites where greek ceramics were found, stressing the role of the river valleys, namely the ones of the Guadiana and of the Sado.

The portuguese imports of attic ceramics will be analyzed in the framework of the exports made to the Iberian Peninsula during the Vth and the IVth centuries a.D.. The similarities between the materials found in the South of Portugal and those of the western Andalusia will also be properly examined.

1. INTRODUÇÃO

Grande parte da comunidade científica internacional tem ainda, na generalidade, a ideia que as importações gregas em território actualmente português se resumem quase exclusivamente aos conhecidos vasos áticos de Alcácer do Sal.

No entanto, é já apreciável o número de sítios arqueológicos portugueses onde se recolheram cerâmicas áticas, pelo que surge como evidente a necessidade de tornar públicos alguns materiais que permanecem inéditos. E também chamar de novo a atenção dos investigadores estrangeiros para aqueles que estão já publicados.

O trabalho que aqui apresento mostra assim uma visão renovada do que foram as importações gregas em território português. Apesar de provisório, como o são necessariamente todos os inventários, este novo mapa de distribuição é reflexo claro de uma mudança de rumo da

investigação arqueológica portuguesa, particularmente detectável a partir de meados da década de 70.

Parece-nos assim importante esboçar aqui também o percurso sinuoso e desigual percorrido pela investigação arqueológica portuguesa no que se refere às importações de cerâmicas áticas, concretamente desde o aparecimento e estudo dos vasos de Alcácer do Sal, nos finais do século XIX, até aos nossos dias.

2. O ESTUDO DA CERÂMICA GREGA NO QUADRO DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA PORTUGUESA

Podemos dizer sem erro que as cerâmicas gregas encontradas na necrópole do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) são as peças arqueológicas portuguesas que maior número de vezes foram publicadas.

As primeiras descobertas datam de 1874. Efectuadas numa época a que alguém já chamou, provavelmente com alguma razão, a “Idade do Ouro da Arqueologia portuguesa” (Lemos, 1987), os vasos foram, quase imediatamente, reconhecidos como etruscos ou gregos (Estácio da Veiga, 1886). Em 1905, José Leite de Vasconcelos apresentava já os vasos de Alcácer como de origem grega, e as dúvidas desvaneceram-se definitivamente em 1925 quando Beazley é confrontado directamente com as peças e confirma o local da sua produção (Correia, 1925).

A surpresa que as descobertas de Alcácer do Sal provocaram na comunidade científica portuguesa e internacional é sem dúvida responsável pelas sucessivas publicações onde são referidos os vasos áticos, no início compreensivelmente denominados italo-gregos ou grego-etruscos. Entre as diversas obras, citam-se: Cartailhac, 1886; Estácio da Veiga, 1886; Leite de Vasconcelos, 1905; Virgílio Correia, 1925; Garcia Bellido, 1948.

Finalmente, em 1956 e 1962, os vasos são publicados por Maria Helena da Rocha Pereira. É feita então, pela primeira vez, uma análise detalhada das formas e da iconografia, apresentando-se propostas de datação fundamentadas, atendendo às questões formais e estilísticas. São evidentes as preocupações de rigor científico, com as constantes referências às obras de Beazley e ao *Corpus Vasorum Antiquorum*.

Como é lógico, os vasos de Alcácer do Sal foram também incluídos no *Corpus* de Gloria Trias (1967/1968).

De notar, no entanto, que as propostas de Maria Helena da Rocha Pereira se mantêm válidas para a quase totalidade das questões. Apenas relativamente ao prato de peixe de figuras vermelhas (Pereira, 1962: 95) pensamos ser necessário rever a indicação do local da sua produção. Uma origem ática parece ser bastante provável também para esta peça, tal como foi proposto recentemente (Maia, 1987b).

Esta divulgação das primeiras descobertas de vasos gregos em território português, onde desde as primeiras publicações se nota uma constante preocupação de rigor científico, um contacto permanente com a comunidade científica internacional e um profundo conhecimento do mundo clássico e seus autores, parecia indiciar boas perspectivas futuras. No entanto, e apesar de cerâmicas produzidas na Grécia continuarem a surgir em Portugal, as preocupações iniciais desvanecem-se. Os sítios e os materiais permanecem inéditos ou são insuficientemente publicados, como sucedeu por exemplo aos do Castelo de Faria, do Cabeço de Vaiamonte e Castro da Azougada.

Entre os finais dos anos 30 e a década de 70, as escavações em sítios da Idade do Ferro são relativamente raras e as que existem nunca foram publicadas.

Naturalmente que esta situação não atingiu exclusivamente os estudos de cerâmica grega, fazendo parte de uma época em que a arqueologia portuguesa terá tido dos seus piores momentos. Ficavam definitivamente para trás “os anos de ouro”. Da profunda renovação em que vivia a arqueologia europeia do pós guerra não chegavam a Portugal nem simples ecos. A investigação sobre a Idade do Ferro foi então particularmente atingida. Servia apenas uma historiografia de pendor marcadamente nacionalista, que forjada a partir do renascimento, se vira agora uma vez mais e quase exclusivamente para a procura das evidências arqueológicas dos “primeiros heróis nacionais”, os Lusitanos.

Nos estudos sobre cerâmicas áticas, o expoente máximo da situação a que a arqueologia portuguesa tinha chegado será sem dúvida o artigo de Veiga Ferreira que, já em 1971, apresenta indiscriminadamente cerâmicas áticas e cerâmicas campanienses, não as distinguindo.

Importa referir que os trabalhos de Maria Helena da Rocha Pereira poderiam considerar-se à excepção a este estado de coisas se esta investigadora não fosse, efectivamente, de algum modo exterior à realidade da investigação arqueológica.

No entanto, a partir dos finais da década de 60, a cooperação luso-francesa estabelecida entre o Museu Monográfico de Conímbriga e a *Mission Archéologique Française au Portugal*, com a finalidade específica de efectuar trabalhos arqueológicos em Conímbriga, provocou a criação daquilo a que podemos chamar de “Escola de Conímbriga”. Os investigadores portugueses que trabalhavam no período clássico, aperfeiçoaram, no seguimento destas trabalhos, os seus métodos de estudo. Com as tipologias tornadas acessíveis, a divulgação de materiais arqueológicos assume uma nova forma. As tendências dominantes são agora “positivistas”.

O trabalho de Manuela Delgado, publicado em 1971, pode ser considerado, neste domínio, como pioneiro de uma nova arqueologia portuguesa. Pela primeira vez, cerâmicas áticas e campanienses são publicadas de acordo com os moldes científicos internacionais. As peças são desenhadas e descritas mais ou menos minuciosamente. As preocupações tipológicas são evidentes.

Nesta mesma linha de investigação temos também de incluir os dois trabalhos que Rouillard publica em 1975. Aí analisa, numa perspectiva científica moderna, as *kylikes* de figuras vermelhas até à data encontrados em território português (1975a) e dá a conhecer um *krater* inédito de Alcácer do Sal (1975b).

A partir dos inícios da década de 80, multiplicam-se as escavações arqueológicas em sítios da Idade do Ferro. Utilizando uma metodologia moderna e conduzidas por investigadores mais ligados aos meios universitários e museológicos, estes novos trabalhos permitiram recolher um número considerável de cerâmicas áticas que têm vindo a ser publicados devidamente.

Acreditamos, no entanto que os trabalhos neste momento em curso, muito particularmente no Sul de Portugal, tornarão demasiado efémeras as nossas considerações actuais sobre o panorama das importações gregas para Portugal

3. A CERÂMICA GREGA DO TERRITÓRIO PORTUGUÊS

3.1. O Norte de Portugal

As cerâmicas áticas recolhidas até à data a Norte do rio Vouga têm surgido sempre integradas em ambientes da chamada “Cultura Castreja”.

Pouco abundantes, os materiais encontrados apresentam-se, na generalidade dos casos, com o verniz muito estalado, estando as decorações quase irreconhecíveis.

Castro de Santo Estevão da Facha (Ponte de Lima)

O maior conjunto de cerâmicas áticas do NW de Portugal é proveniente do Castro de Santo Estevão da Facha, freguesia da Facha, concelho de Ponte de Lima (Almeida *et al.*, 1981). As cerâmicas áticas foram encontradas em estratos correspondentes à primeira ocupação deste Castro, no “Horizonte Castrejo III”, associadas a materiais que podem incluir-se na Fase II da Cultura Castreja definida por Armando Coelho Ferreira da Silva (1986).

O conjunto é constituído por:

1. Três fragmentos de um *krater* acampanado, de figuras vermelhas. Sob a aba é ainda perceptível a decoração de folhas de oliveira (Almeida *et al.*, p.68, Est. VI, 19, Fig. XXXI);
2. Dois fragmentos de *pelikai*, de figuras vermelhas. O estalamento do verniz e o estado de corrosão das superfícies não permite identificar a decoração representada (*ibid.*, Est. VI, 17 e 18);
3. Quatro fragmentos de *Kylikes* de figuras vermelhas, actualmente irreconhecíveis (*ibid.*);
4. Vinte e três fragmentos de vasos de figuras vermelhas, cuja forma é impossível de reconstituir e cuja decoração é apenas perceptível (*ibid.*).

O estado actual dos fragmentos não permite em nenhum caso a identificação do Pintor. Tão pouco as datações de C-14 entretanto obtidas para os níveis de utilização das cerâmicas gregas (2) permitem qualquer tipo de conclusão quanto à sua cronologia. No entanto, as suas características gerais parecem indicar que se trata de produções da primeira metade do século IV a.C..

Castro do Coto da Pena (Vilarelho, Caminha)

Também provenientes de escavações recentes, e portanto com contexto estratigráfico seguro, é um pequeno fragmento de cerâmica ática de Figuras Vermelhas recolhido no Castro do Coto da Pena (Silva, 1986:136). As suas reduzidas dimensões não permitem a identificação da forma nem sequer da decoração.

Castro de Romariz (Vila da Feira)

Um pequeno fragmento de cerâmica ática foi recentemente encontrado neste sítio. Uma vez mais, o estado de conservação do fragmento impede o conhecimento da forma do vaso a que pertencia e tão pouco permite uma qualquer leitura da decoração que ostentava (*ibid.*).

Tanto o fragmento do Castro de Romariz como o do Castro do Coto da Pena integram-se na fase IIA da Cultura Castreja, ou seja num momento em que as influências meridionais se fazem sentir com certa intensidade do NW (*ibid.*: 316). Para esta fase, foi proposta uma datação dos séculos IV-III a.C., compatível com os fragmentos de cerâmica ática referidos.

Castelo de Faria (Barcelos)

Foram publicados por Rouillard em 1975 os quatro fragmentos de uma *kylix* de figuras vermelhas provenientes do Castelo de Faria, Barcelos. Da decoração que ostentava é agora apenas visível um fragmento de um manto, dentro do medalhão. O que resta da figura que decorava a *Kylix* é demasiado reduzido para que tenha sido possível atribuí-lo a um Pintor (Rouillard, 1975a: 42) (3).

3.2. Os vales do Tejo e do Mondego

A presença de cerâmicas áticas é rara na região central do território português. Com efeito, até ao momento, foram detectadas apenas em três sítios arqueológicos: dois no Vale do Mondego e um no Vale do Tejo.

Castro de Santa Olaia (Figueira da Foz) (4)

Escavações recentes no Castro de Santa Olaia permitiram recolher dois fragmentos de vasos áticos de figuras vermelhas (5).

Conímbriga (Condeixa)

Proveniente de Conímbriga (6), é já conhecido o fragmento de fundo de *Kylix* de figuras vermelhas, onde é visível uma perna ou um braço dentro do medalhão central (Rouillard, 1975a: 43; Alarcão, 1976: 12, pl. XXXII, 11)

A pequenez do fragmento impediu os autores que o estudaram de identificarem o seu Pintor. No entanto, foi possível avançar uma cronologia do segundo quartel do século IV a.C. (*ibid.*).

Alcáçova de Santarém (Santarém)

Está ainda inédito um pequeníssimo fragmento de parede de uma taça de figuras vermelhas, pertencente a uma *Kylix* e proveniente da Alcáçova de Santarém (7), nas margens do rio Tejo.

A decoração exterior apresenta aquilo que parecem ser as pregas de um manto. Uma vez mais, as reduzidas dimensões do fragmento impedem uma análise estilística clara, não permitindo a identificação do Pintor. De qualquer forma, não me parece tratar-se de obra do grupo do Pintor de Viena. Uma datação centrada no primeiro quartel do século IV a.C. poderá ser aceitável.

3.3. O Sul de Portugal

Não é de forma nenhuma surpreendente que seja na região a Sul do Tejo que se localizem os sítios arqueológicos que maior número de cerâmicas áticas forneceram.

De facto, as actuais regiões do Alentejo e Algarve foram desde pelo menos o século VIII a.C. fortemente influenciadas pelas culturas do Mediterrâneo Central e Oriental. Esta influência orientalizante está claramente comprovada em vários sítios arqueológicos, nomeadamente em Alcácer do Sal (Silva *et al.*, 1980-81, na área urbana de Setúbal Soares e Silva 1987), em Castro Marim (Arruda, 1983-4; Arruda, 1986) e no Cerro da Rocha Branca - Silves - (Gomes *et al.*, 1986).

Castro de Chibanes (Palmela, Setúbal)

A primeira referência a material ático proveniente deste sítio foi feita por Leite de Vasconcelos em 1915, ao referir a recolha de um pequeno fragmento.

Como sendo proveniente de Setúbal, foi registada a existência do que suponho tratar-se de um fundo de uma taça de verniz negro, da forma 21 ou 22 de Lamboglia (Delgado, 1971: 422). Acredito porém que esta peça é muito provavelmente proveniente do Castro de Chibanes (Palmela) (8).

Alcácer do Sal (Castelo)

O Castelo de Alcácer do Sal, nas imediações da conhecida necrópole do Senhor dos Mártires, foi alvo de escavações recentes. Tais trabalhos arqueológicos revelaram, como era de esperar, uma ocupação humana do sítio muito intensa e prolongada no tempo, desde o Neolítico final até à Idade Média (Silva *et al.*, 1980-81).

Os níveis correspondentes à Idade do Ferro apresentaram uma cultura material de filiação leste mediterrânica, estando bem representado o período orientalizante (*ibid.*).

No entanto, e contrastando significativamente com o que se verifica na necrópole que corresponde a este sítio de *habitat*, apenas um fragmento de cerâmica ática foi encontrado durante as escavações.

Trata-se de um pequeníssimo fragmento de um *skyphos*, de verniz negro, muito provavelmente dos finais do século V a.C. (*ibid.*, 185, fig. 17: 198).

Um outro fragmento tinha sido encontrado durante obras camarárias para a instalação de um depósito de água. As suas reduzidas dimensões não permitiram contudo a sua classificação tipológica (Soares, 1978, 135).

Alcácer do Sal (Necrópole do Olival do Senhor dos Mártires)

Por razões óbvias, dispensamos aqui uma descrição pormenorizada dos bem conhecidos vasos áticos de figuras vermelhas e verniz negro da necrópole de Alcácer do Sal, uma vez que se espera para muito breve a publicação integral da totalidade do espólio.

Resta referir que as cerâmicas áticas da necrópole de Alcácer do Sal não se resumem às 11 peças já publicadas, sete por Rocha Pereira (1962), três por Delgado (1971), e uma por Rouillard (1975b).

Ao conjunto conhecido, que engloba quatro *krateres*, uma *pelike*, dois *skyphoi* e um prato de peixe, todos de figuras vermelhas, e ainda três *kylikes* (forma Jehasse 116, forma 21 ou 26 e forma 42 A), devem juntar-se, pelo menos, mais seis pratos de peixe de figuras vermelhas e várias formas de verniz negro.

O Pintor de três dos *krateres* de Alcácer parece ter sido o Pintor do *tyrsos* negro (Trias, 1967/8; Rouillard, 1975b). O *krater* onde está representada a cena do sacrifício não é facilmente atribuível a qualquer dos pintores conhecidos.

Cabeço de Vaiamonte (Monforte) (9)

Deste importante povoado fortificado da Idade do Ferro existem em depósito no Museu Nacional de Arqueologia dois fragmentos de cerâmica ática, um dos quais tinha sido já referido por Manuela Delgado (1971). Um deles é um fragmento de fundo, provavelmente de uma taça, mas cuja forma não é identificável. O outro fragmento, também um fundo, parece-nos pertencer a uma *lekythos* aribalística.

As características formais de ambos os fragmentos permite colocá-los na primeira metade do século IV a.C..

Segóvia (Elvas)

Povoado fortificado com ocupação da Idade do Ferro, o sítio de Segóvia parece ter fornecido cerâmica ática de verniz negro. Pelo menos é o que se deduz da referência ao aparecimento no estrato 5 (fase II do povoado) datado de 400-300 a.C. de “cerâmica de importação de tipo ático e campaniense” (*sic...*) (Gamito, 1982: 72). Esta cerâmica estaria associada a cerâmicas ibéricas pintadas.

Alto do Castelinho da Serra (Montemor-O-Novo)

Escavações ainda inéditas de Colin Burgess e Virgílio Hipólito Correia neste sítio permitiram identificar um nível da Idade do Ferro que forneceu dois fragmentos de cerâmica ática de verniz negro, concretamente duas taças *Castulo* (10).

Azougada (Moura) (11)

A existência de cerâmicas áticas no Castro da Azougada foi referida pela primeira vez por Virginia Rau em 1948.

Mais tarde Veiga Ferreira (1971: 321) apresenta as cerâmicas gregas de verniz negro deste sítio arqueológico e informa sobre a existência de mais de uma dezena de vasos, referindo algumas *Kylikes*.

Em 1975, Pierre Rouillard publica três taças de figuras vermelhas, todas obra do Pintor de Viena 116 e refere ainda a existência de um outro fragmento, demasiado pequeno para ser possível a atribuição do Pintor.

Em 1985, Teresa Gamito apresenta algumas fotografias de vasos de verniz negro e de figuras vermelhas a que, certamente por lapso, atribui uma cronologia do século VI a.C..

Resumindo: o Castro da Azougado ofereceu cerâmica ática de figuras vermelhas do século IV a.C. (Pintor de Viena 116) (Rouillard, 1975a) e vários vasos de verniz negro entre os quais se incluem algumas taças *Castulo* do século V a.C..

Castelo de Moura (Moura)

No decorrer de uma campanha de escavações arqueológicas efectuadas em 1981 no Castelo da vila de Moura foram encontrados três fragmentos de parede de vasos áticos de verniz negro. As dimensões dos fragmentos (muito reduzidas) não possibilitam a identificação exacta das formas dos vasos a que pertenceram. A sua observação directa permite-nos, no entanto afirmar que se trata de três *kylikes*.

Castelo de Serpa (Serpa)

Um fragmento de cerâmica ática foi encontrado no Castelo de Serpa durante os trabalhos arqueológicos que neste sítio têm decorrido. No estudo publicado sobre os trabalhos (Soares e Braga, 1986), o fragmento é apenas referido não tendo sido representado graficamente devido às suas reduzidas dimensões. Naturalmente que a identificação da forma não se torna possível. Encontrou-se em nível onde as cerâmicas ibéricas pintadas são frequentes.

Beja

Escavações arqueológicas de emergência na área urbana de Beja permitiram recolher um fragmento de cerâmica ática. A sua pequenez não permite atribuir-lhe qualquer forma (12).

Corvo I (Castro Verde) (13)

10 fragmentos de cerâmica ática, concretamente de taças *Castulo* são provenientes do povoado de Corvo I (Maia, 1987a). Trata-se de um povoado de planície, localizado na maior zona mineira do Sul de Portugal.

Monte Beirão (Almodôvar)

A única ânfora grega até à data encontrada em Portugal é

proveniente de Monte Beirão (Beirão e Gomes, 1980; Beirão, 1986: fig. 7A). A peça foi recolhida à superfície de um cabeço onde não foram efectuados quaisquer trabalhos arqueológicos. A ânfora foi classificada como pertencente ao tipo Bon Porté I e consequentemente, datada de Época Arcaica (*ibid.*). No entanto, pelo perfil que apresenta penso que pode tratar-se de uma ânfora sâmia, tipo N do naufrágio de El Sec, datada da primeira metade do século IV a.C. (Arribas *et al.*, 1987).

Fernão Vaz (Ourique) (14)

Um pequeno fragmento de cerâmica ática foi recolhido nos inícios dos anos 70 por Caetano Beirão durante trabalhos de prospeção no povoado de Fernão Vaz (Beirão, 1973: 203, fig. 9; Beirão 1986: 114).

Mais recentemente, novos trabalhos de campo neste local permitiram recuperar uma taça *Castulo* (15).

Garvão (Ourique) (16)

Fragmentos de cerâmica ática de verniz negro foram recolhidos durante a escavação do depósito secundário de Garvão (Beirão *et al.*, 1985; 1987). As dimensões dos fragmentos não permitem identificar a forma, impedindo assim de avançar uma cronologia concreta. No entanto, e atendendo à datação do restante espólio, não devem ser anteriores à primeira metade do século IV a.C.

Mesas dos Castelinhos (Almodôvar) (17)

Do povoado fortificado da Mesa dos Castelinhos é proveniente um vaso de cerâmica ática da forma 24B de Lamboglia (Delgado, 1971). O segundo ou terceiro quartel do século IV a.C. é a cronologia estabelecida para estes vasos após os trabalhos na Ágora de Atenas (Sparkes e Talcott, 1970).

Mértola (18)

Durante os trabalhos arqueológicos que o Campo Arqueológico de Mértola iniciou em 1979 no Castelo desta vila alentejana, foram recolhidos materiais arqueológicos da Idade do Ferro, entre os quais se contam alguns fragmentos de cerâmica ática. Estas últimas, segundo as

informações que pude obter, são maioritariamente de verniz negro, existindo alguns fragmentos pintados de figuras vermelhas. Pertencem aos séculos V e IV a.C. (19).

Cerro da Rocha Branca (Silves) (20)

Vários fragmentos de cerâmica ática foram encontrados no povoado do Cerro da Rocha Branca (Gomes *et al.*, 1986).

Entre os de verniz negro contam-se formas 21, 22, e 42 B de Lamboglia (bolsais) (*ibid.*:79).

A cerâmica ática de figuras vermelhas também está presente podendo alguns dos fragmentos atribuir-se, com segurança, ao grupo do Pintor de Viena 116 (*ibid.*).

A totalidade das produções gregas encontradas neste sítio parecem datar-se dos inícios do século IV a.C., mais concretamente dos últimos anos do primeiro quartel e inícios do segundo.

Castelo de Castro Marim (21)

São 58 os fragmentos de cerâmica ática que as escavações no Castelo de Castro Marim permitiram recuperar.

Destes, 7 são decorados com figuras vermelhas e 51 são de verniz negro. Apenas 10, devido às suas reduzidas dimensões actuais, não permitiram a identificação da forma a que pertenceram. Doze dos vasos são produções datadas dos dois últimos quartéis do século V a.C. Os restantes pertencem à primeira metade do século IV a.C..

Cerâmica ática de figuras vermelhas:

Como já foi dito, recolheram-se no Castelo de Castro Marim 7 fragmentos de cerâmica ática de figuras vermelhas. No entanto, apenas em 2 (*kylikes*) é possível ver qual a decoração que ostentavam. Os restantes cinco são excessivamente pequenos, o que não impediu, em quatro casos, identificar a sua forma: três *kylikes* e um *krater*.

Assim temos:

- 1 fragmento de uma *kylix* com medalhão central no fundo interno decorado por um cervídeo. Superfície externa sem decoração e coberta de verniz negro. Trata-se, muito provavelmente, de obra

do círculo do Pintor de Marlay e deve datar-se da segunda metade do século V a.C.

- 1 fragmento de uma *kylix* decorada com figuras vermelhas em ambas as superfícies. Superfície interna: o que resta da cabeça de um personagem, sendo visível parte do cabelo. Superfície externa: fragmento de manto e de *aryballos*. Pintor de Viena 116. Primeira metade do século IV a.C.
- 3 fragmentos de *kylikes* de figuras vermelhas.
- 1 fragmento de *krater* de figuras vermelhas.

Cerâmica ática de verniz negro:

- 1 fragmento de uma *Kylix* da “classe delicada”. Fundo interno decorado com linha de óvulos impressos. Produção do final do terceiro/início do quarto quartel do século V a.C., mais concretamente de 430/420 a.C.. De facto, a ligação da parede ao pé feita através de ressalto em reserva e o pé, moldurado e elevado, são elementos típicos das *kylikes* da “classe delicada” do século V a.C. (Sparkes e Talcott, 1970:104). Também a decoração com óvulos impressos foi outro factor considerado na atribuição da cronologia proposta.
- 10 fragmentos de taças *Castulo* (últimas décadas do século V a.C.).
- 4 fragmentos de *stemless cup* (primeira metade do século IV a. C.).
- 3 fragmentos de *Kantharoi*, um dos quais decorado com palmetas impressas no fundo (primeira metade do século IV a. C.).
- 4 fragmentos de *skyphoi* (um dos finais do século V a.C., os restantes da primeira metade do século IV a.C.).
- 14 fragmentos de páteras das formas 21 e 22 de Lamboglia (segundo quartel do século IV a.C.).
- 4 fragmentos de pratos de peixe de verniz negro com bordo pendente (um exemplar) ou engrossado.
- 1 fragmento de pátera da forma Jehasse 116 (segundo quartel do século IV a.C.).
- 1 fragmento de lucerna (primeira metade do século IV a.C.).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode verificar através do inventário feito anteriormente as cerâmicas gregas exportadas para o território actualmente português são já em número significativo.

O novo quadro que tracei merece pois, desde já, alguns comentários.

A primeira observação diz respeito ao carácter tardio das cerâmicas importadas. Dos inventários portugueses estão, por enquanto ausentes fragmentos cerâmicos que evidenciem uma presença grega arcaica no território português. As importações de cerâmicas gregas parecem ter-se iniciado apenas a partir do 3º quartel do século V a.C..

Mas se a área mais ocidental da Ibéria não participa, durante os séculos VII e VI a.C., na verdadeira *koine* focense onde pudemos incluir a região de Huelva, assim como Marselha e Ampúrias, a partir da segunda metade do século V a.C. vê-mo-la já integrada nas correntes comerciais mediterrânicas dominantes.

É do sul do País que provêm os materiais áticos mais antigos. São, como vimos, fundamentalmente taças *Castulo*, tendo-se registado em Castro Marim uma *kylix* da “classe delicada”.

Uma outra observação diz respeito à concentração a Sul do Tejo dos sítios arqueológicos que ofereceram cerâmicas áticas. É nas actuais províncias do Alentejo e Algarve, e muito concretamente nas áreas central e oriental desta região, que se encontrou a esmagadora maioria desta cerâmicas. Se quiséssemos concretizar ainda mais a localização geográfica dos sítios importadores de cerâmicas gregas dos séculos V e IV a.C. surge particularmente evidente o vale do Guadiana e seus afluentes.

Esta “interioridade” contrasta de forma evidente com a localização dos sítios do NW. Com efeito os “Castros” da região Norte onde foram encontradas cerâmicas gregas localizam-se, na totalidade, perto do litoral.

Na região central do nosso território, são escassas as cerâmicas áticas, tendo aparecido apenas em três sítios arqueológicos, dois dos quais aparentemente longe da costa. No entanto, dificilmente se poderá considerar “interior” um sítio como Santarém, localizado no Vale do Baixo Tejo, muito próximo do antigo estuário. A interioridade de Conímbriga é apenas também aparente, não podendo esquecer-se afinal que os grandes rios, neste caso o Tejo e o Mondego, podem ter

funcionado como verdadeiros *mares interiores*, através dos quais navegaram gentes ideias e produtos.

Ainda no que se refere aos sítios onde a cerâmica grega foi encontrada, é importante referir que se trata, sobretudo de lugares de *habitat*. A necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal, continua ainda hoje a ser a única necrópole onde se recolheram vasos áticos. As circunstâncias da pesquisa actual parece ser responsável por esta situação dada a ausência de escavações em necrópoles da II Idade do Ferro e a incidência de trabalhos arqueológicos em povoados desta época.

Importa registar que, no seu conjunto, e no que se refere à “história” e características da sua cultura material os sítios arqueológicos onde se exumaram cerâmicas gregas podem dividir-se, *grosso modo*, em três grandes grupos.

Os Castros do NW não podem assimilar-se culturalmente aos povoados orientalizantes de Conímbriga, Santa Olaia, Santarém ou Alcácer do Sal. Tão pouco estes últimos, e apesar de algumas similitudes, se podem incluir, à partida, no mesmo mundo cultural dos povoados do Alentejo interior.

As importações de cerâmicas áticas encontradas no NW de Portugal, justificadas pela existência de uma corrente comercial meridional, são, claramente, diferenciadas das restantes.

É claro que o repertório formal das cerâmicas gregas encontradas em Santo Estevão da Facha (o mais completo do NW) não é o habitual nos povoados do sul de Portugal, ou mesmo na Andaluzia Ocidental, onde os *krateres*, os *pelikai* e os *skyphoi* decorados com figuras vermelhas estão habitualmente ausentes ou surgem em percentagens extremamente diminutas. Materiais com as características dos que surgem no Norte de Portugal estão de facto presentes nas regiões meridionais, mas em necrópoles.

Santa Olaia e Conímbriga (no vale do Mondego), Santarém (no vale do Tejo) e Alcácer do Sal (no vale do Sado) são sítios cuja cultura material se filia, desde os inícios da Idade do Ferro, no mundo mediterrânico. Nestes sítios, as cerâmicas áticas são em número reduzido nos povoados e abundantes na única necrópole escavada. São pintadas com figuras vermelhas em Santa Olaia, Conímbriga e Santarém e apresentam verniz negro em Alcácer do Sal. A sua importação não deve pois ser lida como a continuação lógica das importações do Sul.

No entanto, não podemos deixar de pensar que existe certamente alguma relação com o NW ao nível das importações da cerâmica ática.

O extremo Sul apresenta a maior concentração portuguesa de cerâmicas áticas. É igualmente desta região que são provenientes os mais antigos fragmentos de cerâmica grega encontrada em Portugal.

As cerâmicas áticas do Sul do território actualmente português que foram recolhidas em estratigrafia apareceram, na totalidade, em contextos bem definidos, juntamente com materiais que definem habitualmente a II Idade do Ferro, concretamente num *facies* ibérico-turdetano. O Cerro da Rocha Branca e o Castelo de Castro Marim são sítios litorais onde é evidente uma ocupação da I Idade do Ferro. Os restantes sítios localizam-se no interior de um território cujos vales fluviais terão servido de vias de comunicação com o litoral e cujo apogeu da sua ocupação parece ter sido justamente a II Idade do Ferro.

A maioria da cerâmica grega encontrada nesta região é de verniz negro, sendo naturalmente escassa a cerâmica pintada com figuras vermelhas. Esta está, no entanto, presente no Castelo de Castro Marim, Cerro da Rocha Branca e Castro da Azougada, compondo-se quase exclusivamente de *kylikes*, quase todas pintadas pelo Pintor de Viena.

As formas mais representadas em verniz negro são *kylikes* (*Stemless cup* e taças *Castulo*), *skyphoi*, bolsais e páteras das formas 21 e 22. Como se vê o repertório formal é pobre e monótono não se diferenciando do que se verifica na Andaluzia Ocidental.

Para concluir, direi que as importações áticas do Sul de Portugal são produtos muito industrializados, de fraca qualidade, mas relativamente homogêneos.

É difícil não relacionar o repertório formal dos vasos de verniz negro e de figuras vermelhas encontrados em Portugal com a generalização do consumo do vinho. Igualmente, a iconografia que ostentam os vasos pintados, nomeadamente as cenas dionisiacas dos *krateres* da necrópole de Alcácer do Sal, surge associada ao tema.

A quase ausência de importações de ânforas gregas parece indicar que a produção vinícola era já uma realidade no território português durante o século IV a.C.. Esta produção, evidenciada noutras regiões peninsulares, nomeadamente em Alicante (Gomez Bellard e Guérin, 1991) (22), não surpreende excessivamente se pensarmos que análises palinológicas efectuadas no Paul dos Patudos (Alpiarça) mostram a existência de *vitis*, muito provavelmente domesticada, no século VI a.C. (Kalb e Hock, 1988).

Parece evidente que as importações gregas do território português se devem incluir numa fase de recuperação económica que a Andaluzia Ocidental iniciou a partir de meados do século V a.C. (Fernandez Jurado e Cabrera Bonet, 1989).

O conjunto de cerâmicas áticas (figuras vermelhas e verniz negro) exumado por exemplo no Castelo de Castro Marim não se distancia dos conhecidos noutros povoados peninsulares. É claro que o Castelo de Castro Marim recebe cerâmicas áticas do mesmo modo e com a mesma dinâmica que os sítios litorais da Andaluzia Ocidental, como por exemplo, a actual cidade de Huelva. Na verdade, a cerâmica ática dos séculos V e IV a.C. encontrada neste sítio arqueológico é, como vimos em tudo idêntica à de Huelva. Os mesmo pintores estão representados tanto no século V a.C. (círculo do Pintor de Marlay) como no IV a.C. (Pintor de Viena 116). As formas dos vasos de verniz negro são em ambos os sítios praticamente idênticas. Parece pois relativamente óbvio que uma mesma corrente comercial é responsável por estas semelhanças. As cerâmicas áticas teriam chegado à foz do Guadiana, tal como a Huelva (*ibid.*), por via marítima e não através de uma qualquer rota continental como defenderam, entre outros Shefton (1982) e Maluquer (1983).

Pode também facilmente defender-se que o Castelo de Castro Marim abasteceria de cerâmicas gregas a maioria dos povoados do Alentejo interior. As cerâmicas áticas dos povoados de Cabeço de Vaimonte e Castro de Segóvia devem, talvez, relacionar-se preferencialmente com as importações da Estremadura, muito concretamente com Zalamea la Serena (Maluquer 1983), tendo assim uma ligação estreita a Huelva (Cabrera Bonet, 1987).

NOTAS

1. Investigadora da UNIARQ, Unidade de Arqueologia do Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, P-1699, Lisboa Codex, Portugal. A autora agradece à Fundação Gulbenkian, Serviço de Belas Artes, o subsídio que lhe permitiu apresentar pessoalmente este trabalho em Ampúrias, no presente Colóquio.
2. As duas datas de C 14 obtidas - 2210±50 B.P. e 2160±50 B.P. correspondentes a 260 a.C. e 210 a.C., respectivamente (Almeida et al., 1982), e que tanto perturbaram alguns autores, foram posteriormente calibradas (Soares e Cabral, 1984). Os intervalos de tempo obtidos (405-155 A.C. e 395-20 A.C.) mostram bem a total inoperância do método do carbono 14 para períodos tão recentes e "sensíveis".
3. Este vaso, de fabrico ático, não possui, infelizmente, um contexto arqueológico seguro. Foi encontrado durante trabalhos arqueológicos levados a efeito nas décadas de 30 e 40, pelo "Grupo Alcaldes de Faria", tendo-se então escavado apenas junto às fortificações medievais. No entanto, recentes escavações confirmaram uma intensa ocupação humana do sítio desde o Calcolítico, com uma particular incidência durante a Idade do Ferro. É muito provavelmente nesse contexto castrejo onde devemos integrar o vaso referido (Almeida e Sousa, 1988).
4. O Castro de Santa Olaia é um dos sítios "míticos" da arqueologia portuguesa. Escavado nos inícios do século por Santos Rocha forneceu um considerável conjunto de cerâmicas orientalizantes (Rocha, 1910). Já na década de 80 foram retomadas as escavações em Santa Olaia, agora dirigidas por Isabel Pereira.
5. Materiais em estudo por Maria Helena da Rocha Pereira.
6. A cidade de Conímbriga é sobretudo conhecida pela sua ocupação romana. No entanto, o sítio foi habitado pelo menos desde o final do Calcolítico e possuiu uma importante ocupação da Idade do Ferro. Apesar das sistemáticas referências a uma presença celta, parece ser no Mediterrâneo que devemos procurar a filiação cultural de Conímbriga também durante a Idade do Ferro. De facto, são aqui relativamente abundantes os materiais orientalizantes, nomeadamente cerâmicas de engobe vermelho, cerâmicas pintadas em bandas e cerâmicas cinzentas finas polidas. O fragmento de cerâmica ática, apesar de ser proveniente de níveis remexidos do século VI d.C., não destoaria neste ambiente de tradição mediterrânica como parece ter sido a Idade do Ferro de Conímbriga.
7. A Alcáçova de Santarém é o sítio arqueológico correspondente à cidade romana de *Scallabis*. Escavações recentes que aí dirigi mostraram, para além da ocupação romana e medieval, importantes níveis arqueológicos da Idade do Ferro orientalizante. Esta influência oriental, que se faz sentir bem cedo, está consubstanciada por cerâmicas de engobe vermelho, cerâmicas pintadas com bandas policromas, cerâmicas cinzentas finas polidas e contas de colar oculadas de pasta vítrea. Uma certa tradição mediterrânica, observada na cultura material, mantém-se neste sítio durante a II Idade do Ferro. É justamente de níveis desta II Idade do Ferro de filiação mediterrânica que é proveniente o fragmento de cerâmica ática aqui apresentado.
8. Tanto este fragmento de cerâmica ática como as cerâmicas campanienses também publicadas por Manuela Delgado estão efectivamente registadas no inventário do Museu Nacional de Arqueologia com a indicação de proveniência "Setúbal". Sabemos, no entanto, que estes materiais pertenceram à colecção de A. I. Marques da Costa que, como é sabido, efectuou várias e extensas campanhas de trabalhos arqueológicos no povoado de Chibanes. Na publicação dos resultados destes trabalhos (Costa, 1910), o autor refere o aparecimento de cerâmicas engobadas a negro. As suas descrições, mais ou menos detalhadas, e alguns dos desenhos, parecem confirmar que as cerâmicas (áticas e campanienses) atribuídas à cidade de Setúbal, seriam, na verdade, provenientes do Castro de Chibanes.

9. O cabeço de Vaiamonte é um extenso (18ha.) povoado fortificado localizado no Alto Alentejo. Amplamente escavado na década de 40 a mando de Manuel Heleno, então director do Museu Nacional de Arqueologia, revelou um importante espólio da Idade do Ferro, com abundante cerâmica ibérica e do período republicano. As cerâmicas campanienses encontram-se em fase de publicação (Arruda, 1985-88). Infelizmente, e à semelhança da quase totalidade dos sítios escavados por aquele arqueólogo, os resultados das sondagens nunca foram divulgados.
10. Informação de Brian Shefton a quem agradeço.
11. O Castro da Azougada foi escavado nas décadas de 30 e 40 por Manuel Heleno e Fragoso de Lima. Os resultados dessas escavações nunca foram publicados. Do numeroso espólio que foi então depositado no Museu Nacional de Arqueologia constam, para além das cerâmicas áticas, numerosos vasos ibéricos pintados com círculos concêntricos e linhas ziguezagueantes.
12. Informação de Jorge de Alarcão a quem agradeço. O aparecimento deste fragmento de cerâmica ática na área urbana de Beja permitem-nos recolocar a questão da fundação *ex nihilo* de *Pax Iulia*, tese até agora comumente aceite (Alarcão, 1988: 49).
13. O povoado de Corvo I enquadra-se num conjunto de quatro povoados e duas necrópoles que se localizam junto às minas de cobre (hoje particularmente activas) de Neves Corvo, Concelho de Castro Verde. Este conjunto de sítios arqueológicos, onde a ocupação humana parece ter-se iniciado na Idade do Bronze, mostrou fundamentalmente uma cultura material do século V e IV a.C.. A influência mediterrânica está bem patente nos materiais recolhidos, nomeadamente nas contas oculadas, nos pequenos *alabastra* de pasta de vidro polícromo e nos dois *larnakes* (Maia, 1986 e 1987).
14. O povoado (e a necrópole correspondente) de Fernão Vaz situa-se na margem direita do rio Mira e enquadra-se cronologicamente na II Idade do Ferro.
15. Informação de Virgílio Hipólito Correia a quem agradeço.
16. Em 1982, obras de saneamento básico provocaram a descoberta de um importante sítio arqueológico. Trata-se, segundo os arqueólogos que aí intervieram, de "...uma favissa ou bothros, formado numa única fase, nos finais do século III a.C., e certamente inserido numa complexa estrutura com finalidade religiosa que terá existido no cimo do Cerro do Castelo de Garvão" (Beirão *et al.*, 1987: 209). Neste depósito secundário de oferendas da II Idade do Ferro, foi recolhido um rico espólio do século IV e III, constituído por milhares de peças que teriam sido oferecidas à divindade ou divindades neste sítio cultuadas. O material recolhido apresenta características que denunciam influências mediterrânicas, mas também continentais/mesetanhas.
17. O povoado fortificado das Mesas dos Castelinhos, em Almôdovar, é um extenso habitat da Idade do Ferro ocupado até à época muçulmana. Escavações recentes de Carlos Fabião e Amílcar Guerra mostram uma intensa ocupação do povoado durante o período romano/republicano.
18. Na antiga *Myrtilis*, que Estrabão considerou cidade túrdula, têm decorrido, desde 1979, trabalhos arqueológicos de certa envergadura. Contudo, têm incidido muito especialmente sobre a ocupação da Mértola Visigótica e Muçulmana. Tanto quanto é possível depreender pela escassa bibliografia que sobre estes trabalhos foi publicada (Torres, 1979 e 1982), não parece terem sido escavados, até agora, níveis pré-romanos. Assim, os vestígios da Idade do Ferro, onde se incluem as cerâmicas gregas, parece serem provenientes de níveis remexidos, não possuindo qualquer contexto elucidativo.
19. Informações colhidas junto de Armando Coelho Ferreira da Silva que tem em estudo estes materiais.
20. Este sítio arqueológico, ocupado desde os finais da Idade do Bronze, teve desde o século

VIII/VII a.C. ligações intensas com a área mediterrânica. No seu período I, as cerâmicas denotam clara influência orientalizante. Os fragmentos áticos, provenientes de estratos integrados no período II, surgiram associados a outros materiais exógenos nomeadamente: ânforas ibero-púnicas (Pellicer A. B e C), pratos de peixe (forma 23 de Lamboglia) cobertos de engobe vermelho, uma *oinokhoe* de vidro policromo idêntico à peça encontrada no túmulo 277 de Cigarralejo (Gomes *et al.*, 1986).

21. O Castelo de Castro Marim, localiza-se na margem direita do rio Guadiana muito próximo da sua foz. Seis campanhas de escavações arqueológicas que dirigi neste sítio permitiram observar uma sua intensa e longa ocupação humana começada no Bronze Final. Os contactos com o mundo mediterrânico iniciam-se nos primeiros séculos do I milénio a.C. e consubstanciam-se em termos de cultura material num rico espólio cerâmico de feição orientalizante. Estes contactos permanecem activos em meados do milénio, como se observa através da presença da cerâmica ática. As relações com o Norte de África no século III a.C. são evidenciadas através da importação de cerâmicas fabricadas em Kouass, nomeadamente abundantes pratos de peixe. Este sítio, a *Baesuris* das fontes clássicas, está ainda ocupado na época romana sendo particularmente rico o seu espólio do período republicano (Arruda, 1983-4, 1986, 1988).
22. No povoado de Alt de Beniamaquía (Dénia, Alicante), datado do século VI a.C. vários milhares de grânhas de *vitis vinifera* foram encontradas associadas a estruturas de fabrico do vinho (trabalho de Gomez Bellard e Guérin, a apresentar ao colóquio internacional *Huile et vin*, a realizar em Aix-en-Provence em Novembro de 1991). Agradeço aos autores a sua confiança e amabilidade ao me facultarem o manuscrito de uma comunicação totalmente inédita na altura em que este trabalho é redigido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Adília Moutinho, 1976. "Céramiques préromaines". In Alarcão, J. e Etienne, R. - *Fouilles de Conimbriga. Céramiques divers et verres*. Paris: Mission Archéologique Française au Portugal, Musée Monographique de Conimbriga, p. 3-17, vol. 6.
- ALARCÃO, Jorge de, 1988. *O domínio romano em Portugal*. Lisboa: Publicações Europa América, Forum da História 1.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado de e SOUSA, Orlando, 1988. "Castelo de Faria". *Arqueologia*. Porto: GEAP, 17, p. 215-216.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira [et al.], 1981. "Escavações arqueológicas em Santo Estevão da Facha". *Arquivo de Ponte de Lima*. Ponte de Lima: Câmara Municipal de Ponte de Lima, 3, p. 3-91.
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de [et al.], 1982. "Duas datações de C14 para o Castelo de Santa Estevão da Facha". *Arqueologia*. Porto: GEAP, 6, p. 79.
- ARRIBAS, António [et al.], 1987. *El barco del Sec (Calvia, Mallorca). Estudio de los materiales*. Mallorca: Ajuntamiento de Calvia-Universida de les Illes Balears.
- ARRUDA, Ana Margarida, 1983-4. "Escavações arqueológicas no Castelo de Castro Marim. Relatório dos trabalhos de 1983 e 1984". *Clio Arqueologia*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, INIC, 1, p. 245-254.
- ARRUDA, Ana Margarida, 1986. "Castro Marim na Idade do Ferro". In *Actas do 4º Congresso do Algarve*. Silves: Racal Clube, p. 33-38, vol. 1.
- ARRUDA, Ana Margarida, 1988. "Nota acerca da ocupação romano-republicana do Castelo

- de Castro Marim". In *Actas do 5º Congresso do Algarve*. Silves: Raca Club, p. 13-17, vol. 1.
- BEIRÃO, Caetano de Melo, 1973. "Cinco aspectos da Idade do Bronze e da sua transição para a Idade do Ferro no Sul do País". In *Actas das II Jornadas Arqueológicas*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 193-222, vol. 1.
- BEIRÃO, Caetano de Melo, 1986. *Une civilisation Protohistorique du Sud de Portugal - 1^{er} âge du Fer*. Paris: Diffusion de Boccard.
- BEIRÃO, Caetano de Melo e GOMES, Mário Varela, 1980. *A I Idade do Ferro no Sul de Portugal. Epigrafia e Cultura*. Lisboa: MNAE.
- BEIRÃO, Caetano de Melo [et al.], 1985. "Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão". *Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- BEIRÃO, Caetano de Melo [et al.], 1987. "Um depósito votivo da II Idade do Ferro, no Sul de Portugal". *Veleia (Actas del IV Coloquio sobre lenguas y culturas paleohispánicas. Vitoria e Gasteiz 1985)*. Vitoria: Instituto de Ciencias de la Antigüedad, 2-3, p. 207-221.
- CABRERA BONET, Paloma, 1987. "Consideraciones en torno a la cerámica ática de fines del siglo V en Extremadura". *Oretum*. Ciudad Real: Museo de Ciudad Real, p. 217-221.
- CARTAILHAC, Emile, 1886. *Les âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris: Reinwald.
- CORREIA, Virgílio, 1925. "Fechos de cinturão da necrópole de Alcácer do Sal". *Biblos*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1, p. 319-326.
- COSTA, António Inácio Marques da, 1910. "Estações prehistoricas dos arredores de Setúbal". *Archeologo Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 15, p.55-83.
- DELGADO, Manuela, 1971. "Cerâmica campaniense em Portugal". In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Coimbra: Ministério da Educação Nacional, Junta Nacional de Educação, p. 403-420, vol. 2.
- FERNANDEZ JURADO, Jesús e CABRERA BONET, Paloma, 1989. "Comercio Griego en Huelva a fines del siglo V a.C". *Revue d'Études Anciennes. Grecs et Ibères au IV siècle avant Jésus-Christ. Commerce et Iconographie*. Bordeus: Centre Pierre Paris, 89, 3-4, p. 149-159.
- FERREIRA, Octávio da Veiga, 1971. "Cerâmica negra de tipo grego encontrada em Portugal". *Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 9ª Série, 3, p. 313-326.
- GAMITO, Teresa Júdice, 1982. "A Idade do Ferro do Sul de Portugal: problemas e perspectivas". *Arqueologia*. Porto: GEAP, 6, p. 65-78
- GAMITO, Teresa Júdice, 1988. *Social complexity in Southwest Iberia. 800-300 B.C. The case of Tartessos*. Oxford. BAR. International Series, 439.
- GARCIA BELLIDO, António, 1948. *Hispania Graeca*. Barcelona: Instituto Español de Estudios Mediterráneos.
- GOMES, Mário Varela,; GOMES, Rosa Varela e BEIRÃO, Caetano de Melo, 1986. "O Cerro da Rocha Branca (Silves) - resultados preliminares de três campanhas de escavações". In *Actas do 4º Congresso do Algarve*. Silves: Raca Club, p. 77-83, vol. 1.
- GOMEZ BELLARD, Carlos e GUÉRIN, 1991. "Témoignage d'une production de vin dans l'Espagne preromaine". *Symposium Internationale Huile et vin, Aix-en-Provence* (no prelo).
- KALB, Philine e HOCK, Martin, 1988. "O povoamento pré-histórico de Alpiarça". *Arqueologia*. Porto: GEAP, 17, p. 193-200.

- LEMOS, Francisco, 1987. "As três idades da Arqueologia portuguesa". *Forum*. Braga: Universidade do Minho.
- MAIA, Maria, 1986. "Neves II e a 'facies' cultural de Neves-Corvo". *Arquivo de Beja (Actas do 1º Encontro de Arqueologia da Região de Beja)*. Beja: Câmara Municipal de Beja, 2-3, p. 23-42.
- MAIA, Maria, 1987a. "Dois larnakes da Idade do Ferro do Sul de Portugal". *Veleia (actas del IV Coloquio sobre lenguas e culturas paleo-hispánicas)*. Vitoria/Gasteiz Maio de 1985). Vitoria: Institut de Ciências de la Antigüedad, 2-3. p. 224-242.
- MAIA, Maria, 1987b. "O prato de peixe de Alcácer do Sal. Uma explicitação". *Euphrosyne*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa-INIC. 15, 239-246.
- MALUQUER DE MOTES, J., 1983. *El santuario Protohistorico de Zalamea de la Serena, Badajoz (1981-1982)*. Barcelona: Universidade de Barcelona.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1956. "Noticia sobre vasos gregos existentes em Portugal (1ª parte)". *Humanitas*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 7-8.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha, 1962. *Greek Vases in Portugal*. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- RAU, Virgínia, 1948. "Les recherches et découvertes Préhistoriques au Portugal à partir de 1940". *Rivista de Scienze Preistoriche*. Firenze, 3, 1-2, p. 58-63.
- ROCHA, António dos Santos, 1910. "Memórias e explorações arqueológicas II. Estações preromanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira da Foz". *Portugália*. Porto, 2, p. 302-356.
- ROUILLARD, Pierre, 1975a. "Les coupes attiques a figures rouges du IV s. en Andalousie". *Mélanges de la Casa Velazquez*. Paris: Diffusion de Bocard, 11, p. 21-49.
- ROUILLARD, Pierre, 1975b. "Une cratère inédite du peintre du Tyrse Noire a Alcácer du Sal". *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, 14, p. 177-184.
- SHEFTON, B., 1982. "Greeks and greek imports in the South of the Iberian Peninsula". In NIEMEYER, Hans George - Phonizier im Western (Actas do simposium internacional - Die phönizische Expansion im westlichen Mittelmeerraum (1979). *Madri der Beiträge*, Madrid: Deutsches Archaologisches Institut, 8, p., 337-367.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da, 1986. *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Museu Arqueológico da Citânia de Sanfins.
- SILVA, Carlos Tavares [et al.], 1980-81. "Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal". *Setúbal Arqueológica*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 6-7, p. 397-478.
- SOARES, Joaquina e SILVA, Carlos Tavares, 1986. "Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos". *Trabalhos de Arqueologia (Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, 3, p. 87-101.
- SOARES, António Monge e BRAGA, José Rodrigues, 1986. "Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no Castelo de Serpa". *Arquivo de Beja (Actas do 1º Encontro de Arqueologia da Região de Beja)*. Beja: Câmara Municipal de Beja, 2, 3, p. 167-198.
- SOARES, António Monge e CABRAL, J. Peixoto, 1984. "Datas convencionais de radiocarbono para estações arqueológicas portuguesas e sua calibração: revisão crítica".

Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, 4, 2, p. 167-213.

SPARKES, B. e e TALCOTT, L. 1970. "Black and plain pottery of the 6th., 5th., and 4th. centuries B C:". *The Athenian Agora*. Princeton, New Jersey: American School of Classical Studies at Athens. Vol. 12.

TORRES, Claudio, 1979. "Mértola: o castelo, arqueologia e ...sonhos". *História e Sociedade*. Lisboa: História e Sociedade, 4-5, p.35.

TORRES, Claudio, 1982. "Mértola: história e arqueologia urbana". *Arqueologia*. Porto: GEAP, 6, p. 86-95.

TRIAS, Gloria, 1967/68. *Cerámicas griegas de la Península Ibérica*. Valencia: The William L. Bryant Foundation. 2 vols.

VASCONCELOS, José Leite de, 1905. "Notice sommaire sur le Musée Ethnologique Portuguais, Lisbonne". *Arqueólogo Português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1, 10, p. 65-71.

VASCONCELOS, José Leite de, 1915. *História do Museu Etnológico português (1839-1914)*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VEIGA, Sebastião Philippe Estácio, 1887. *Antiguidades monumentaes do Algarve. Tempos Prehistoricos*. Lisboa: Imprensa Nacional.

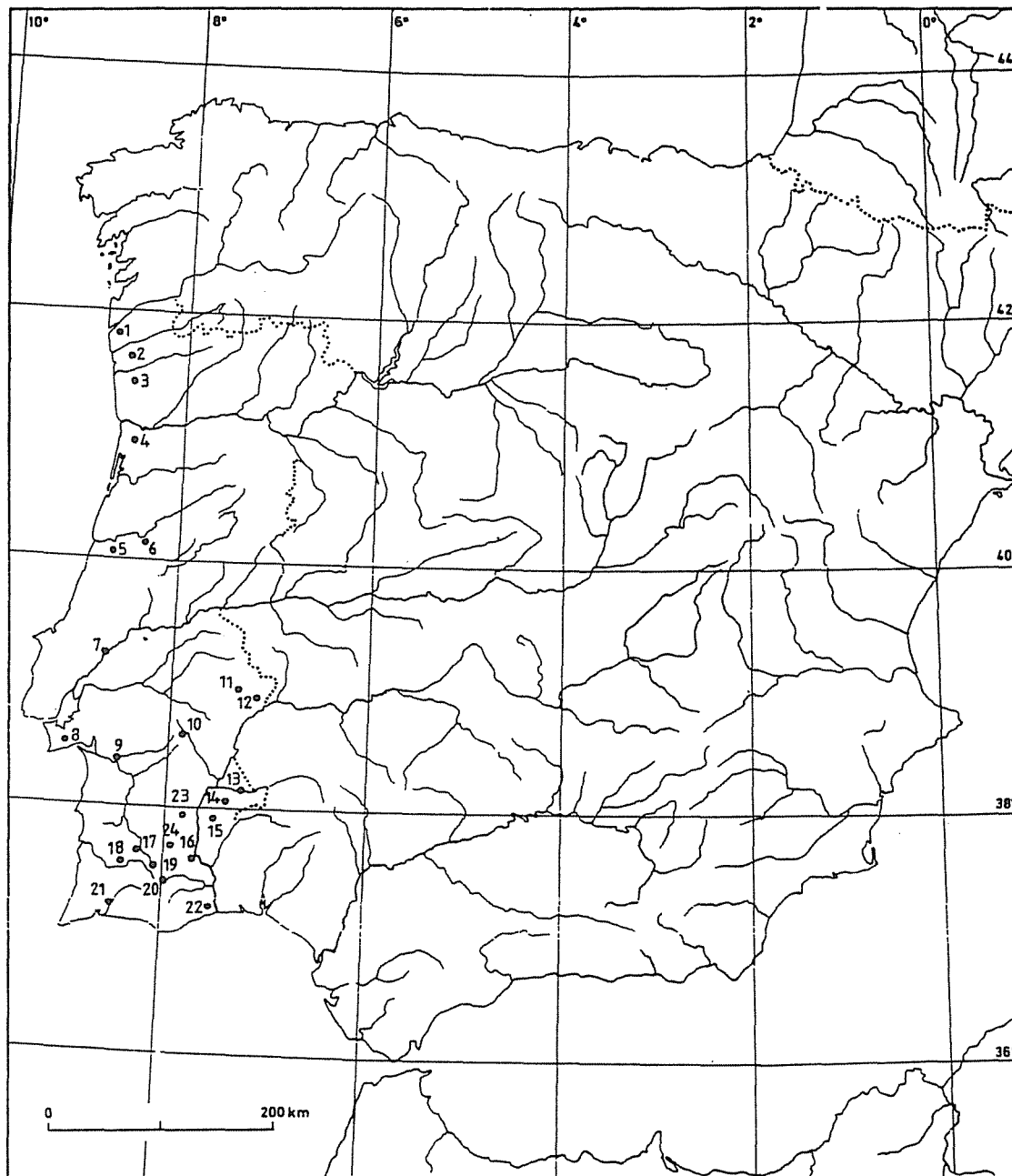


Fig. 1: 1 Castro do Coto da Pena; 2 Castro de Santo Estevão da Facha; 3 Castelo de Faria; 4 Castro de Romariz; 5 Santa Olaia; 6 Conímbriga; 7 Alcáçova de Santarém; 8 Chibanes; 9 Alcácer do Sal; 10 Castelinho da Serra; 11 Cabeço de Vaiamonte; 12 Segóvia; 13 Castro da Azougada; 14 Castelo de Moura; 15 Castelo de Serpa; 16 Mértola; 17 Garvão; 18 Fernão Vaz; 19 Monte Beirão; 20 Mesas do Castelinho; 21 Cerro da Rocha Branca; 22 Castelo de Castro Marim; 23 Beja; 24 Corvo I.

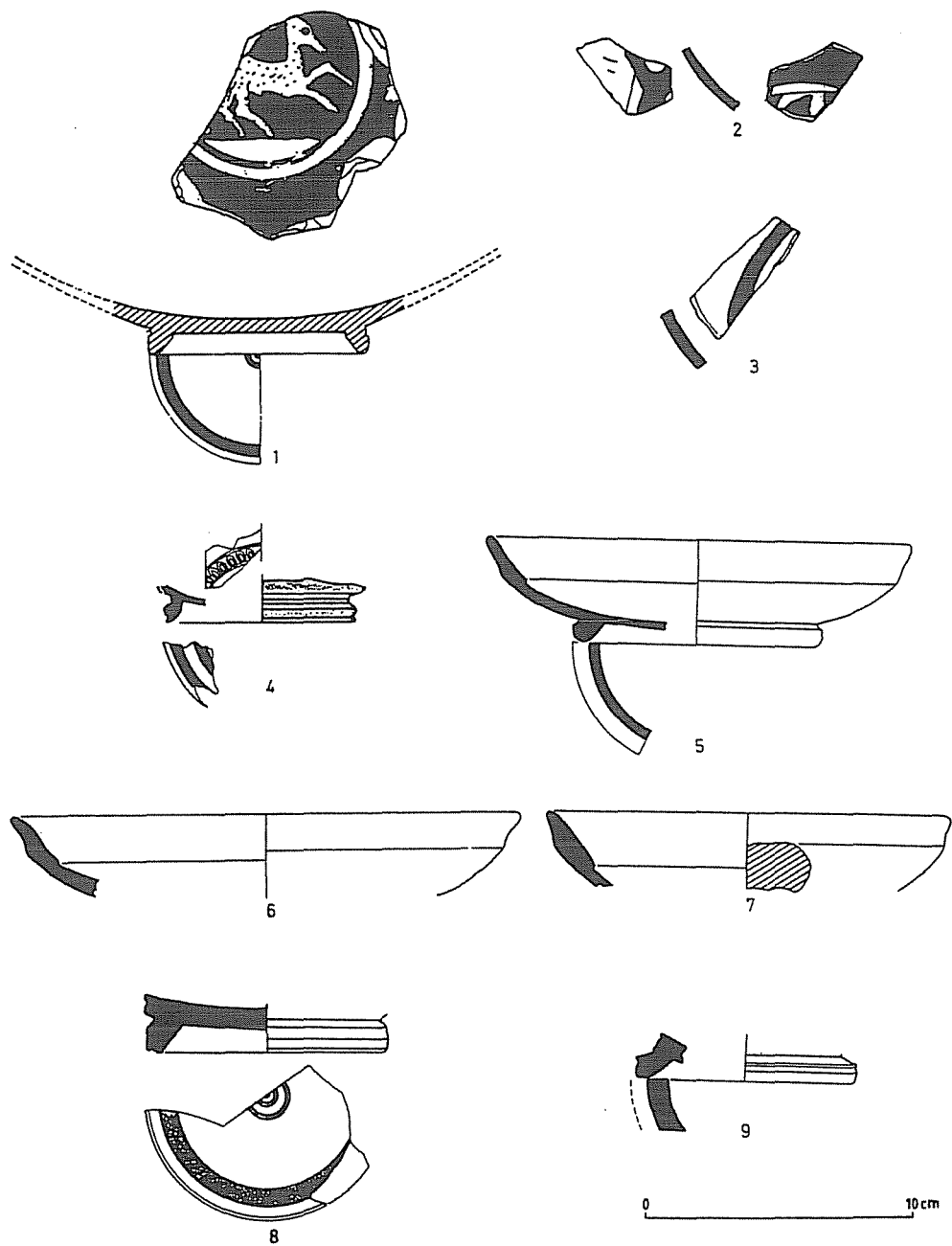


Fig. 2: Cerâmicas áticas do Castelo de Castro Marim (séculos V e IV); 1. *kylix* de Figuras Vermelhas do século V (círculo do pintor de Marlay ?); 2. *Kylix* de Figuras Vermelhas do século IV (pintor de Viena 116); 3. *Kylix* de Figuras Vermelhas; 4. *Kylix* da classe delicada (século V); 5. 6. 7. 8. Taças *Castulo* do século V.